



MULHERES NEGRAS COTISTAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA E AS POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS: HISTÓRIAS MODIFICADAS¹

Schirlei Russi Von Dentz²

Resumo: O trabalho apresenta uma pesquisa que investigou trajetórias de mulheres negras cotistas dos cursos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Doze acadêmicas foram entrevistadas. Os conceitos de habitus, campus e capital, de Pierre Bourdieu, e o de interseccionalidade, de Kimberlé Crenshaw, foram mobilizados para fundamentar a análise das trajetórias relatadas. O espaço universitário, como campus, é concebido como um campo estruturado, lugar das práticas, das relações, do reconhecimento, mas também das discriminações e do racismo institucional, que moldam os valores e as oportunidades para as diferenças identitárias que ali convivem. Identificamos quais tipos de capitais as estudantes mobilizaram para vencer os obstáculos e, considerando a categoria de habitus, evidenciamos as mudanças em curso nas suas trajetórias. A categoria de interseccionalidade foi utilizada para uma compreensão mais complexa de como duas ou mais formas de subordinação se agregam, reconhecendo também outros fatores relacionados às suas identidades sociais, tais como classe, raça, cor, etnia, religião, origem, orientação sexual, etc. que são socialmente discriminados. Nesse sentido, a pesquisa denuncia processos de produção e de reprodução das desigualdades raciais e de gênero que perpetuam injustiças sociais, e, por outro lado, vê as Políticas de Ações Afirmativas como meio de atuar coletivamente por mais igualdade, justiça e reconhecimento das diferenças.

Palavras-chave: Ações afirmativas, mulheres negras, racismo.

BLACK WOMEN AFFIRMATIVE ACTION STUDENTS AT THE FEDERAL UNIVERSITY AT SANTA CATARINA: MODIFIED HISTORIES

Abstract: This paper presents research that investigated trajectories of black women who are affirmative action students in undergraduate courses at the Federal University at Santa Catarina. Twelve black female students were interviewed. Pierre Bourdieu's concepts of habitus, campus and capital, as well as the intersectionality of Kimberlé Crenshaw, were used to support the analysis of their trajectories. The university space, as a campus, is conceived as a structured field, a place of practices, relations and recognition, but also

¹ Este trabalho tem por base a pesquisa desenvolvida no mestrado intitulada: "Vozes das Mulheres Negras Cotistas da Universidade Federal de Santa Catarina (201-2014)" concluída em agosto de 2016.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda da mesma instituição. E-mail: schirlei.russi@gmail.com - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.



Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação

Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América

of the discriminations and institutional racism that shape the values and opportunities for the identity differences that coexist there. We identify which types of capital the students use to overcome the obstacles, and considering the category of habitus, we indicate the changes underway in their trajectories. The category of intersectionality was used to understand with greater complexity how two or more forms of subordination are aggregated, thus recognizing other factors related to their social identities such as class, race, color, ethnicity, religion, origin, sexual orientation etc., which are socially discriminated. The study therefore denounces processes of production and reproduction of racial inequalities and of gender that perpetuate social injustices, while it identifies the affirmative action policies as a means to act collectively for more equality, justice and recognition of differences.

Keywords: black women, racism.

Trajetórias de vida modificadas

As reflexões que apresentaremos com relação às diferentes formas em que se constituíram as trajetórias de vida modificadas (mulheres negras cotistas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC) de seus percursos originários, subjazem a uma concepção de análise teórica metodológica das categorias bourdieusianas e kimberleusiana sobre essas trajetórias. Sintetizando o resultado da pesquisa desenvolvida no mestrado, partiu-se da convicção de que essas trajetórias foram modificadas consideravelmente à medida que iam sendo vividas as dificuldades econômicas, sociais, culturais, linguísticas, etc. A gradual internalização de um comportamento reativo com relação às múltiplas dificuldades que foram se apresentando desde a educação infantil até a universidade, possibilitou o rompimento com as trajetórias de vida dadas desde o momento de seus nascimentos. É a partir disso que tentarei apresentar como diversas imagens de vida se desviaram da sina familiar aqui apresentadas e categorizadas em três blocos, a saber, 1) mulheres rompendo a sina familiar: as contradições da herança, 2) Incentivo familiar e a herança das contradições, e 3) O espaço familiar como transmissor da herança cultural escolar.



I. Mulheres rompendo a sina familiar: as contradições da herança

As categorias teórico metodológicas, de Pierre Bourdieu, Jean Passeron, como *habitus*, campo, capital cultural, social, econômico, linguístico, etc., e as de, Kimberlé Crenshaw, interseccionalidade, possibilitou-nos um processo reflexivo e dialógico para análise das trajetórias de vida escolar e universitária de doze mulheres negras cotistas da UFSC. Essas categorias de análise mostraram-se pertinentes para iluminar os desafios constitutivos críticos sobre as práticas escolares e universitárias das entrevistadas.

As abordagens reconstrutivas das trajetórias de vida realizada pelas entrevistadas nos possibilitou destacar que todo enfrentamento das dificuldades, envolveu uma dimensão relacional de enfrentamento contra a submissão imposta pela escola, pela sociedade e a herança familiar que para se efetivar e se legitimar em sentido contrário, houve a necessidade de revoltarem-se ativamente contra ao já instituído. Assim, nas interações intersubjetivas que evocaram dinâmicas necessárias de subversão nos âmbitos escolares e universitários notou-se a expansão de novos horizontes, pois os padrões normativos estabelecidos iam sendo subvertidos a cada iniciativa por elas tomada.

Nesse sentido, as categorias bourdieusianas de “herança cultural”, ou no caso brasileiro “herança escolar” parecem dialogar diretamente com as situações enfrentadas por essas jovens entrevistadas. A categoria “herança escolar” ou “capital escolar” e também o “capital econômico” é aqui utilizada como tentativa de formular uma crítica tanto da escola, quanto da universidade como espaços sociais que não são capazes de lidar com as diferenças culturais, econômicas, linguísticas na formação dos indivíduos. Conforme afirmou a estudante³ do curso de medicina,

³ Natural do norte do Estado do Rio Grande do Sul, a jovem vem de uma família composta pelos pais e oito irmãos. Seus pais se separaram quando ela tinha sete anos de idade. Mora com a mãe a estudante de medicina de 24 anos, uma irmã de 21 anos que faz Engenharia Civil e um irmão de 34 anos que está fazendo doutorado em Direito. O pai trabalha como policial e a mãe é agente de saúde. Entrevista realizada em maio de 2015.



Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação

Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América

[...] tudo era bem difícil! Durante o ensino médio a gente não tinha dinheiro pra comprar os livros, de comer mal, de não comprar roupas, faltava livros, essas coisas, porque agora o Governo lhe fornece, mas, na minha época o Governo não fornecia os livros didáticos pros alunos. A minha mãe não tinha dinheiro, às vezes, eu conseguia algum livro doado, tirava xerox...

Como se observa essas dificuldades poderiam ter desmobilizado ou excluído a jovem do espaço escolar, a novidade é que dessas bases interativas de conflito e exclusão, as jovens revertem essa negatividade em motor de construção na mudança de suas trajetórias de vida. A tentativa dessas jovens mulheres de construir um reconhecimento social e mudarem suas trajetórias se constitui tarefa cotidiana. Trata-se, sobretudo, de uma luta pela sobrevivência nesses espaços. Disse a universitária⁴ do curso de Engenharia Mecânica,

[...] eu nunca reprovei, até entrar na faculdade [...]. O ensino fundamental foi muito fácil, foi muito simples. Eu acho que a escola pública sempre facilita pra você, facilita para os alunos e cria a ilusão que você sabe as coisas, quando na verdade você não sabe. Você sente mesmo o baque quando você entra na universidade.

Tal conflito esta inerente tanto na formação, quanto para a constituição do indivíduo enquanto aquele que se propõe ter uma profissão de prestígio social, isto é uma mudança na sua trajetória inicial. Aparece em todo momento a lógica pela conservação desses indivíduos permanecerem em suas posições iniciais, ou seja, relegadas a sujeição, discriminação, a exclusão dos espaços sociais mais elitizados. Conforme relatou a estudante³ do curso de Oceanografia,

[...] uma das coisas que não me fez desistir foi porque eu já vim de uma família muito carente e muitas vezes passei fome. Muitas vezes vi minha mãe chorando por não ter o que dar de comer pra gente. E isso meio que foi assim um incentivo sabe. Nunca fui assim de me desesperar. O pessoal do curso também me ajudou muito.

Nessas formas de superação, de enfrentamento se expressam fortes evidências dos “sobreviventes” do sistema escolar ou universitário. A todo um sobre-esforço para que não se seja excluído desse meio, “alguns com

⁴ Natural da capital matogrossense, a jovem foi criada pela avó materna até completar nove anos de idade. Filha de mãe solteira, tem duas irmãs mais novas. Sua mãe tem o ensino médio incompleto e é autônoma. Entrevista realizada em abril de 2015.



currículo escolar em parte “malgrado”, mas com uma grande ambição social e predispostos à revolta e à denúncia das injustiças, sobretudo aquelas de que são vítimas” (BOURDIEU, 2012, p. 598).

Essas estudantes, não tendo os mesmos privilégios herdados na família, precisam adquirir conhecimento e reconhecimento tanto da parte dos professores como de seus colegas. Isso implica agir constantemente no sentido de adquirir valores que lhes permitam serem olhadas positivamente em suas capacidades objetivas. Como destacou a estudante⁵ de Engenharia Civil, sobre quando iniciou sua graduação, *“daí, eu passei e comecei tomando um “pau”, assim, nunca reprovei nada, mas eu tive que estudar muito; frequentava muito a monitoria”*. Contudo, apesar desses embates conflitivos fazerem parte da vida dessas jovens pode-se dizer que elas mulheres conseguiram romper com sua sina familiar.

II. Incentivo familiar e a herança das contradições

As entrevistas desse bloco permite-nos afirmar que estas jovens, pertencentes também às classes populares com pouco capital econômico, social, escolar, etc. são mobilizadas para o estudo acreditando que a educação é o meio que possibilita ou permite uma maior chance de mobilidade social. Mostra-se, assim, dois efeitos, primeiro a saída de lugares “improváveis” para se obter sucesso, como a situação econômica não muito favorável e por terem frequentado escolas que não estão no patamar das melhores em qualidade de ensino. Em segundo, as reais chances de conseguir a efetivação no mercado de trabalho, quando se tem uma representação complexa e múltipla que é a questão de gênero, atrelada as reais condições enfrentadas pelas mulheres negras.

As múltiplas formas em que é manifestada a discriminação racial nesse conjunto de entrevistadas fica mais evidente. A uma associação

⁵ Proveniente do meio oeste catarinense, filha de pai pedreiro e mãe dona de casa, ambos estudaram até a quarta série do primário. O núcleo familiar é composto por mais seis irmãos, três mais jovens que ela, os outros três mais velhos, e nenhum deles têm formação superior. Entrevista realizada em abril de 2015.



respectivamente à discriminação de exclusão social e violência simbólica. Nesses casos, o que está em jogo é a manifestação explícita da discriminação racial tanto de colegas, quanto dos professores em suas práticas cotidianas. O desrespeito se alonga por toda a trajetória relatada pelas estudantes. Surge por consequência uma degradação psicológica que afeta e ofende a dignidade dessas jovens. Tal desrespeito pode desintegrar a pessoa a ponto de fazê-la largar um projeto de vida melhor, aquele apostado pela via educacional que possibilita uma mobilidade social. Disse a estudante⁶ do curso de Serviço Social:

[...] eu nunca tinha ido com o cabelo solto pra aula. Aí, nesse dia eu fui. A minha mãe disse: “vai guria, deixa de ser boba”. Eu tinha vergonha do meu cabelo. Eu cheguei [na escola] e tinha que fazer um exercício no quadro, daí as meninas começaram a rir e falar do meu cabelo. Elas disseram “o cabelo parece cabelo de boneca estragada, aquelas bonecas que a gente usa e que com o tempo ela vai ficando com o cabelo meio ruim”. Isso é uma coisa que eu lembro bastante assim.

Neste ponto, entendeu-se a família como propulsora de motivação, que no momento certo soube agir para que a interrupção dos estudos não se realizasse, pois o rebaixamento e humilhação sofridos levam ao desespero nesses momentos de múltiplas discriminações. Ela destacou outro momento ocorrido na universidade sobre a fala de uma professora.

Ela [uma professora do curso de Serviço Social] começou a falar sobre uma teoria francesa de inferioridade de raças e tal. Eu não liguei porque eu conhecia aquela teoria e tudo. Mas, depois dela contextualizar tudo, ela falou pra mim que já tinha muita gente ali no núcleo... Então né!... Para um bom entendedor de minha parte, primeiro ela fez aquele discurso histórico e teórico pra me dizer que já tinha muita gente lá dentro.

[...] de chegar em casa, começar a chorar e tudo, eu fiquei uma semana ruim, chorava e tudo mais. E pensei em desistir do curso, que aquilo pra mim foi decepção né. Estava na quarta fase e, querendo ou não, como é Serviço Social a gente tem muito a ideia de que a assistente social tem que ser... não pode ter preconceito com ninguém, quem trabalha com isso. Mas não é bem assim, o preconceito está em todo o mundo, independente de profissões.

Essas formas de desrespeito, humilhação e degradação dos indivíduos, ligadas à discriminação racial são lidas como um sistema mais

⁶ A jovem, natural do litoral catarinense, vive com a família, composta de cinco pessoas: um irmão e uma irmã mais novos que ela, e seus pais. O pai é encanador e a mãe empregada doméstica. Ambos estudaram até concluir o ensino médio.



complexo, chamado de “interseccionalidade”. Esse instrumento de análise mobilizado por Kimberlé abrange a articulação entre várias diferenças e desigualdades que se entrecruzam e que diferem no modo como cada pessoa vivência à discriminação.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Assim, se, por um lado, essas situações de discriminação racial praticadas contra as mulheres, as desmerecem sem medida, por outro, elas têm encontrado apoio psicológico nas famílias, outros caminhos e dinâmicas que as têm empoderado. A discriminação racial em alguns casos tem sido um tipo de “impulso motivacional” para lutar socialmente pela igualdade de direitos e por seus espaços sociais. Dessa forma, a luta contra a discriminação racial continua se restringindo ao círculo dos atingidos e como se sabe é um problema de todos, é um problema social. No entanto, a família tem sido o único refúgio de amparo, e essas jovens têm apostado na educação como estratégia fundamental de mudança social. Como ressaltou a estudante⁶ do curso de Jornalismo:

O meu pai sempre falava, “ai!! vamos tentar fazer um curso, trabalhar”... Ele sempre incentivou muito a gente! A minha mãe não tanto nos estudos... Eu acho, que por ela não conseguir ver a importância que tem os estudos. Meu pai, já passava na frente assim, “vamos tentar, vamos tentar”... E minha mãe, ela fica orgulhosa, mas dá pra ver que não é uma coisa assim, ela não vê que isso vá melhorar a nossa vida talvez, entendeu? Então, ela não incentivou muito, mas eu vejo que ela fica orgulhosa. Sempre tentava, eu via que se eu não mudasse, se eu não tentasse mudar a minha trajetória, tipo pela educação, eu não ia conseguir mudar de outra forma.

Certamente não se consegue medir na totalidade as significativas mudanças pelas quais esta jovem passou, mas podemos indagar sobre quais consequências o incentivo dado principalmente pelo pai, trouxe na prática



forças, empenho para lutar contra as intempéries da vida universitária.

O intenso contato com outros *habitus* tanto no campo universitário como no escolar coloca à mostra o embate entre diferentes culturas, a aceitação ou não do outro, a (in)tolerância, as formas de rejeição, são exemplos relatados pelas jovens entrevistadas. Como destacou a estudante⁷ do curso de Educação Física, *“entrei pra Educação Física, “meu Deus”, foi um ‘baque’ assim, tudo muito assustador, toda a mudança é muito complicada”*.

Lembrando-se da infância comentou sobre o seu pai.

Meu pai lia muito. Ele é uma pessoa muito inteligente, muito inteligente mesmo, algumas coisas, até hoje, eu pergunto pra ele (risos). Tinha muito livro em casa, ele tinha um baú imenso cheio de livros, gibi. Em fim, gibi eu sempre estava lendo um. De vez em quando, eu estava lá na caixa roubando um gibi dele. Livro eu nunca fui muito fã, mais os gibis, assim, me encantavam.

O objetivado/materializado pode ser encontrado em quadros, livros, pinturas etc. (BOURDIEU, 2014a). No entanto, ter livros não designa a noção de causa e efeito, isto é, de que se terá automaticamente capital escolar ou cultural. O que se nota é um constante choque de culturas, princípios e *habitus*, os elitizados e os que não são. O fato é que cada vez mais o capital escolar herdado na família corrobora de maneira direta com o sistema escolar e universitário e se coloca como grande desafio para os que não o possuem. É nesse sentido que o capital cultural escolar adquirido na família faz toda diferença. Assim disse a estudante⁸, do curso de Direito, *“a minha mãe me ensinava, em casa, os números e escrever o meu nome. Meu pai me ensinava matemática. Então, até a quarta série eu tive a presença dos dois assim nos estudos, me cobrando e me monitorando, depois eu fiz por minha*

⁷ Natural de um município do litoral norte do Estado de São Paulo, a estudante é a caçula da família. Ela tem mais três irmãs, a mais velha concluiu o ensino médio, as outras duas têm formação em nível superior, uma fez Pedagogia e a outra Educação Física. O pai era operador de máquinas pesadas, atualmente está aposentado. A mãe é cozinheira e não concluiu o ensino fundamental, seu pai sim. Os pais são separados há muito tempo, como ela afirma: *“tanto, que eu não lembro da minha infância, com um pai dentro de casa, mas ele sempre procurou ser muito presente”*.

⁸ Esta jovem é natural da região serrana de Santa Catarina. A família é composta por seus pais, a estudante e um irmão mais novo. Seu pai estudou até a 4ª série e a mãe até a 2ª série do ensino fundamental. Atualmente moram na capital catarinense e seu pai trabalha como chacareiro, a mãe é empregada doméstica.



conta, minha mãe falava: ‘vai estudar!’”.

É nesse contexto conflituoso que destacamos a família como aquela que fez seu papel tanto em questão de amparo psicológico, quanto de certa maneira contribuindo com a capital escolar.

III. O espaço familiar como transmissor da herança cultural escolar.

Ao nosso ver, as jovens entrevistadas desse conjunto se mobilizam no plano social relativamente muito pouco com relação as posições sociais conquistadas pelos pais que ao contrário dos citados acima, possuem ensino superior. O capital escolar, neste contexto, ocupa lugar de destaque numa perspectiva que contribui na superação das diferenças culturais, escolares, principalmente no momento da travessia do ensino médio para o superior. A educação iniciada desde a infância no seio familiar torna-se fator constituinte, como ressalta Bourdieu (2014a), quanto maior for o volume de capital cultural familiar, em seu sentido global/geral, maiores serão as chances de êxito escolar de seus descendentes. As crianças que acumulam êxitos escolares são favorecidas culturalmente desde o seio familiar. Essas crianças adentram ao sistema escolar com certa familiaridade com a linguagem escolar, de modo que a facilidade com a aprendizagem parece ser ou é compreendida como natural.

Destaca-se, em primeiro a fala da estudante⁹ do curso de Biologia, “eu sempre fui muito incentivada à leitura, à escrita, essas coisas, então era uma criança que não precisava ter feito a primeira série, eu já era alfabetizada.

Essa relação estreita entre conhecimento e ambiente escolar é evidenciado por Bourdieu (2014b) enfaticamente, em seu livro *Os herdeiros*, “os estudantes mais favorecidos não devem somente ao seu meio de origem hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente às suas tarefas escolares; eles também herdam saberes em um saber-fazer, gostos e um

⁹ Nascida em uma cidade do centro-norte Piauiense. Mudou-se para uma cidade litorânea do extremo sul de Santa Catarina quando tinha 5 anos de idade, atualmente mora na capital catarinense. Ela é filha adotiva e a mais nova de uma família grande. A escolarização dos seus pais não chegou à completude do primário e eles já tinham idade avançada quando adotaram a jovem, ambos são falecidos.



“bom gosto” cuja rentabilidade escolar, por ser indireta, é ainda mais certa” (BOURDIEU e PASSERON, 2014b, p. 34).

Não se trata, portanto, de apenas enquadrar estas jovens como portadoras de capital escolar e bem sucedidas, mas de também pensar a partir da perspectiva dessas “herdeiras”, por que não se aventuraram a um processo de mobilização social por meio da educação que transcendesse ao de seus pais? Eis como destacou suas lembranças a estudante¹⁰ do curso de Design Gráfico, *“desde sempre, a minha mãe estimulou muito a educação, sempre contava histórias pra dormir, colocava giz de cera, caderninho pra passar por cima das letrinhas, ligar os pontinhos...”*.

Esses relatos são relevantes na medida em que demonstram como essas memórias “boas”, esses contatos com a educação constituem um ambiente favorável no longo processo de formação. Essa relação entre conhecimento ou capital escolar adquirido na infância e na família e suas consequências na educação superior como dependência uma da outra clarifica o porquê da facilidade com a cultura do meio. Como destaca a estudante¹¹ do curso de Psicologia,

nas tarefas, minha mãe sempre me deu auxílio para correção ou então tirar minhas dúvidas... Porém, não tinha o hábito de fazermos juntas. Era apenas nos momentos que eu precisava [...] Eu fui para o colégio Decisão e me formei lá. E logo que eu me formei eu passei na UFSC. Lembro como se fosse ontem [...] fui acessar o site e quando abro a listagem de aprovados vejo o meu nome na lista da 1ª chamada, isso foi fantástico.

Nota-se o entusiasmo de relatar que passou na 1ª chamada. Na UFSC isso tem um significado importante porque demonstra que o aluno foi o melhor. Assim, os investimentos em processos educativos que está dado

¹⁰ Filha única e natural da capital catarinense. Os pais da jovem são professores universitários. A mãe possui doutorado em Educação e o pai tem formação em Educação Física. Começando pela descrição da família, tem-se um quadro atípico da grande maioria das famílias brasileiras. Não se encontra, a todo o momento, pais com doutoramento. Este é um caso em que a família possui elevado capital escolar.

¹¹ A jovem nasceu numa cidade ao norte de Minas Gerais, mas quando tinha um mês de vida seus pais se mudaram para uma cidade localizada na região nordeste do Estado de Santa Catarina. Ela tem três irmãos. Sua mãe é professora de História (possui graduação na área), o pai é metalúrgico e tem o ensino fundamental.



nessas famílias são determinantes no sucesso escolar dessas jovens, como se observa na fala da estudante¹²¹² de Educação Física, *“o fato de ter uma mãe que é ligada a esportes sempre me deixou, na escola, assim, muito mais presente nas modalidades esportivas, eu sempre gostei muito de competir, de participar, independente do esporte que fosse eu sempre gostei bastante”*. Também relata o fato de os pais serem participativos nos momentos em que realizava as tarefas escolares: *“eles eram presente, frequentavam as reuniões de pais, olhavam os meus cadernos. Geralmente quando a gente sentava pra fazer as coisas, era o momento que “ela” [a mãe] também estava sentada próxima, planejando, e vendo as aulas dela”*.

Como afirmam Bourdieu e Passeron (2014b, p. 28) *“a origem social é, de todos os determinantes, o único que estende sua influência a todos os domínios e a todos os níveis de experiência dos estudantes e primeiramente às condições de existência”*. Esses detalhes que favorecem o sucesso escolar para alguns jovens, precisam ser destacados, na medida em que se tornou senso comum acreditar que o êxito escolar é meramente um *“talento natural”* de determinadas crianças, e nunca visto como um processo herdado na família. Dessa forma, o indivíduo que não é herdeiro do capital escolar é continuamente relegado a pensar que é um fracassado, sofrendo lesões psicológicas que definitivamente o impedirá de alcançar o que a escola promete um cidadão livre e emancipado.

Conclusão.

A investigação das trajetórias de vida escolar e universitária de mulheres negras cotistas da UFSC possibilitou-nos afirmar que todas essas jovens conseguiram uma transformação em suas vidas de algum modo, na medida em que enfrentaram os desafios típicos da educação. Contra a idéia de que a educação é espaço de acolhimento de todos, vimos que os espaços educacionais não favorecem aqueles que vêm com pouca ou nenhuma bagagem familiar sobre os conteúdos apreendidos na escola. Esses espaços de formação tem contribuído em grande medida para a *“reprodução”* das



desigualdades sociais, como já notara Bourdieu.

Na medida em que as coisas se complexificam mais, como nesses casos observados em que se destaca a agregação das diferenças de gênero, raça, etnia, aliadas ao fator econômico, os conflitos aumentam numa proporção densa que praticamente não se vê possibilidade de desdobramentos de emancipação pela educação. Contudo, com a abertura das políticas de ações afirmativas, isto é, com a democratização do ensino superior, foi possível visualizar pequenas transformações na vida dessas pessoas.

Referências

BOURDIEU, PIERRE. **A miséria do mundo**. 9ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editor, Vozes, 2012.

BOURDIEU, PIERRE. **Escritos de educação**. 15ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editor: Vozes, 2014a.

BOURDIEU, PIERRE e PASSERON, JEAN-CLAUDE. **Os herdeiros**. 1ª edição. Florianópolis Santa Catarina: Editora: UFSC, 2014b.

CRENSHAW, KIMBERLÉ. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Estudos Feministas, 2002, p. 171-18.